

Colegas,

Na quinta-feira, dia 12 de novembro, foi publicado na Folha de São Paulo, artigo do colunista Matias Spektor sobre a questão de gênero no Itamaraty. Na última semana, várias diplomatas ouviram de colegas críticas ao referido artigo, que em sua maioria afirmavam que “não há discriminação estrutural no Itamaraty” e que “assédios são casos isolados”.

Em ação informal coletiva empreendida por várias diplomatas, compilamos casos de assédio a que fomos submetidas no exercício da profissão. Foram mais de cem relatos em 72 horas. Esses relatos vão desde as microviolências diárias a assédios sexuais, verbais e físicos. As diplomatas que relataram os episódios concederam autorização expressa para que fossem circulados.

O intuito da compilação é demonstrar que não se trata de casos isolados e que as mulheres diplomatas são submetidas habitualmente a situações vexatórias apenas por serem mulheres. A situação de Oficiais de Chancelaria e Assistentes de Chancelaria é ainda mais frágil. Essa luta é de todas as mulheres no Itamaraty e não só das diplomatas. Não estamos buscando compensação nem condenação, motivo pelo qual foi feito esforço de descaracterização dos relatos a fim de preservar todos os envolvidos. Estamos, porém, buscando a desnaturalização de comportamentos que acreditamos serem abusivos e incompatíveis com o Itamaraty, com o serviço público brasileiro e com a sociedade contemporânea.

Seguem os relatos:

- 1. Ser chamada/tratada como "menina" por Embaixadores apesar dos XX anos de carreira. Ser olhada com misto de raiva ou desprezo ao falar. Ao revés, sempre ver os meus colegas homens (independentemente da competência) serem tratados com distinção/respeito. Não é sempre. Não é todo dia, mas já me aconteceram episódios assim ao longo da carreira.**
- 2. Uma vez consideraram que eu não devia acompanhar um almoço, apesar de ser a "desk" do tema e naturalmente @ diplomata indicada para fazer as anotações, pois seria a única mulher à mesa, podendo assim constranger a autoridade (que certamente não foi consultada a respeito). Chamaram um colega que cuidava de outra coisa pra me substituir.**

3. Ouvir que você foi promovida porque é mulher, quando a pessoa que disse isso sabe exatamente que você não foi promovida porque é mulher.
4. Um colega mais antigo chegou a ser agressivo quando eu fui promovida a conselheira e ele não. Gritou: "você só foi promovida porque é mulher!"
5. Em visita oficial, todos os diplomatas foram instruídos a levar os cônjuges para receber o presidente na base aérea. Eu era a única mulher. Meu chefe de então me chamou e disse em particular: "Você não. Não leve seu marido. Não se leva marido nessas coisas."
6. Ser chamada à sala do chefe e levar o bloco de anotações toda disposta a anotar as instruções do despacho e ouvir: "não é nada, só te chamei pra enfeitar minha sala."
7. Um chefe costumava usar o e-mail institucional para toda a sorte de tópicos informais. No meio de uma dessas conversas/tópicos razoavelmente animada, da qual inclusive havia participado com mensagem, fui excluída em determinado momento, a partir do envio de um e-mail específico (e portanto de vários dos posteriores), porque o chefe achou a piada indelicada (machista e/ou sexual). Descobri a exclusão depois numa rodinha que comentava o fim da conversa. Colega mais antiga fez a linha "dê graças a Deus de não ter que ler certas coisas". Colegas homens na casa dos trinta anos argumentaram que por se tratar de "e-mail sobre assunto" o chefe incluía quem quisesse e tinha o total direito de me excluir, inclusive de me excluir porque sou mulher, no meio de uma conversa da qual estava participando.
8. Entrar numa reunião e um embaixador me olhar de cima a baixo com cara de lascívia e comentar "seu vestido florido parece uma campina na primavera". Colegas homens com gravata estampada não recebem comentários similares.
9. Ser apresentada a um embaixador estrangeiro que me mandou o mesmo olhar e disse "hum, acho que vou querer levar essa secretária emprestada".

10. Duas vezes tive que aguentar embaixador bêbado amassando minha perna por baixo da mesa em jantar de trabalho. Uma foi meu então chefe, outra um embaixador estrangeiro, aproveitando que não dava pra trocar de lugar.
11. Meu chefe direto reclamou que eu tirava "folga demais" porque eu tirei a licença maternidade completa. Ele falou que, naquele país, eu teria plena condição de contratar uma babá e voltar logo a trabalhar. Era alguém com quem eu tinha excelente relacionamento profissional, o comentário me deixou surpresa e magoada, mas tive a oportunidade, no dia seguinte, de apresentar meu ponto de vista sobre a importância do respeito aos direitos trabalhistas e sobre os benefícios sociais da licença-maternidade. Ele me ouviu, agradeceu e acho que aprendeu algo.
12. Meu chefe atual faz comentários inocentes toda vez que eu e minhas colegas estamos reunidas conversando. Quando ele está reunido só com seus colegas homens, não há comentários.
13. Um colega me chamou para sua sala, fechou a porta e disse "deixa eu te mostrar uma coisa" (eu deveria ter desconfiado, mas estava pensando em trabalho), pegou a minha mão e passou no rosto dele: "acabei de me barbear, sintam como a pele está macia". Eu reagi com nojo e a história acabou por ali, mas foi no escritório, em horário de trabalho.
14. Chega Embaixador novo no Posto. Coquetel de recepção, o Ministro apresentando todo mundo. Esse é o fulano, faz administração. Esse é o Sicrano, cuida de cultural. Essa é a Fulana (eu), faz política interna. O Emb., que estava conversando um pouquinho sobre trabalho com cada novo subordinado, vira pra mim e fala: "Você já cumprimentou a minha mulher?"
15. Um doutorando manda uma entrevista por email pro Embaixador. Me incumbem de preparar as respostas. Eu me esforço pra fazer bonito - diplomata recém-chegada, querendo exibir seus talentos. O Chefe lê, olha pra mim e fala, no instinto: "nossa isso aqui tá MUITO bom, foi você mesma quem fez?" Outro Posto, outra história. Chefe

mulher diz, pra mim e pra outra colega: "tenho que trazer um diplomata homem pra cá, tem coisa que só homem pode resolver".

16. Para não falar dos comentários sobre vestido, batom, sobre como você está "elegante". Esses mais frequentes quando eu era solteira - "propriedade" de outro homem eles respeitam.
17. Um chefe adorava falar pra todo mundo, para parecer progressistinha, que ele " se surpreendeu mesmo" foi com a minha inteligência. Assim, em tom de quem está elogiando ao dizer que inteligência em uma colega mulher é motivo pra surpresa
18. Certa vez, recebemos colega em missão eventual no Posto. Ele vira para o meu marido, que pediu licença do trabalho para me acompanhar na remoção, e pergunta: "Mas o que é que você fica fazendo aqui o dia inteiro?" Nunca vi ninguém fazer a mesma pergunta às esposas de meus colegas...
19. Toda animada com a primeira remoção, vou fazer uma visita de cortesia ao chefe nomeado do Posto. A dúvida: "Você é casada?" - "Sim" - "Seu marido vai?" – Sim - "Fazer o quê?!"
20. Registro apenas mais um, que para mim foi especialmente constrangedor. Despacho coletivo, todos os colegas em volta da mesa do chefe. Ele se dirige a mim com as seguintes palavras: "Nossa, você está um tesão de óculos."(sic) Um colega disse: "Depois o senhor não sabe por que ela pediu pra mudar de Divisão."
21. Após evento noturno oficial, aceitei uma carona para casa. Ao estranhar o caminho, ouvi: "vamos aproveitar, tá uma noite linda!" (ele estava alto...) Deu medo. Assim que reconheci um shopping (já fechado), falei: "obrigada, eu desço aqui, tem um metrô da minha linha." Teve medo ao perceber o meu medo: "nããã, eu te levo" - abri a porta com o carro andando, ele reduziu, parou e eu desci, na rua deserta.

22. E teve um Ministro (de outra Pasta) septuagenário, de quem passei a manter distância de 1m, com um assessor no meio, pois por 2x massageou meu braço enquanto comentava a conferência. E só. Tive sorte.
23. Um colega tem o costume de pedir para colegas e funcionárias despacharem com ele no corredor, porque ele gosta de ser visto ao lado de mulheres bonitas.
24. E olha que a gente não inclui elogios fora-de-hora, mas não explicitamente ofensivos (embora sempre nos diminuam...) tipo o do embaixador nos "late sixties" exclamando, ao entrar na sala (compartilhada): "cadê aquela gata que fica aqui?"
25. Sem incluir os "bonitinha", "lindinha", "minha princesa"...
26. Eu escutei -mas não presenciei- que uma colega teve que servir café em uma conferência. Foi-me relatado por colega homem, chocado com a situação.
27. Rolou comigo e com mais duas colegas em uma Conferência. Martirizo-me todos os dias por não ter reagido...
28. Fui eu! O pior é que na época, recém saída do Rio Branco, fiquei apenas sem graça... acho que precisamos conscientizar não apenas nossos colegas homens, mas nós mesmas, principalmente quando somos novas e não sabemos lidar com essas situações
29. Acho que posso escrever bastante sobre *mansplaining* no Itamaraty. O nosso problema já começa pelo fato de esses termos, como *mansplaining*, sequer terem tradução para o português. Não ser levada a sério é microviolência quase sempre. Ter de ouvir opiniões primárias sobre temas que dominamos é muito chato, acontece toda hora e os caras não ousam fazer isso com seus pares. *Gaslighting* é desqualificar tentando fazer as mulheres passarem por malucas. Qtas vezes vcs não ouviram que alguma colega em posição de chefia é difícil ou histérica? Pois bem, meu ponto é que o assédio moral mais cotidiano e insidioso são as microviolências, que são tão sutis que muitas colegas sequer reconhecem como violência.

30. Lembrei outra infame. Encontro embaixador simpático, com quem havia colaborado duas vezes. Ele me pergunta como vai a família, e respondo que tivemos um terceiro filho. O comentário: "tá poluindo, heim, minha filha!", vira as costas e vai embora.
31. Várias vezes entrei na sala de um chefe pra despachar e ele pediu uma salva de palmas pela minha beleza...
32. Mas são tantas histórias...de chefia, de colegas na mesma posição, de colegas mais antigos, de mulheres (por conta da maternidade)... Lembrei agora de quando acompanhei a visita de um Ministro de outra pasta. Ao final do dia, antes de embarcar em seu avião, ele pediu pra falar comigo, me deu um cartão dele com seu número celular e pediu pra que eu ligasse pra ele quando voltasse pra Brasília, porque ele queria que eu fosse trabalhar no gabinete dele, afinal, seria muito bom trabalhar com um visual desses...
33. Realmente, concordo com a xxxxx, quem mais explicitamente colocou o problema das microviolências e do assédio moral cotidiano. "Menina", "histórica", "drama queen", "Desequilibrada", "mal amada", etc. são alguns dos adjetivos que já ouvi por aqui. Isto tudo pq estava cobrando do ex-chefe o mínimo de seriedade com o trabalho (por mínimo, entenda-se: ler os documentos circulados). E tem outras também: tipo em reunião de coordenação, era desk do tema, tive que escutar: ah, ela pode cuidar do meu visto (no caso, não havia necessidade de visto). Cansa.
34. "Mas secretária, Oriente Médio não é lugar pra uma moça não, mas também, não tem mais homem nesse ministério" (acompanhado do olhar "então é melhor se contentar com o que tem pra hoje").
35. Ouvi que minha gravidez estava atrapalhando a organização da subsecretaria e que minha licença iria atrapalhar ainda mais. Detalhe: minha gravidez foi de risco, eu tive pré-eclâmpsia, e saí dessa reunião nervosíssima, direto pro consultório do cardiologista...

36. Outra: você avisa que vai sair mais cedo porque a escola ligou que seu filho está doente e o chefe diz: "por essas e outras é que não dá para trabalhar com mulher".
37. Ah, e não é só de Chefe não. Eu não pinto o cabelo. Um ofchan que trabalha comigo vive reclamando, "como pode, uma moça tão bonita, deixar cabelo branco aparecendo?" Eu respondi, em um dia de menos paciência, "claro que eu estou aqui pra decorar seu ambiente de trabalho, né, Fulano?" Ele se calou. Eu era a Chefe, ele o chefiado. Patriarcado é isso.
38. Organizar um megaevento e ouvir comentários apenas sobre a roupa que estava usando no dia...
39. Também ouvi um chefe, ao relatar para um outro colega como eu tinha resolvido um certo problema, que tinha sido graças ao meu "charme". Devo ter feito uma careta, pois logo ele acrescentou "e habilidade diplomática"...
40. Adiciono aos relatos: entrevista de psicotécnico na entrega de documentos para ingresso. Pergunta comum feita a todas as mulheres: "com quantos anos você perdeu a virgindade?" Quantidade de colegas homens que ouviu essa questão essencial: zero.
41. Meu primeiro dia no Itamaraty. Na cerimônia de posse, um Embaixador vem "cumprimentar" a minha mãe. Pega no meu braço e diz: "Essa menina está muito magrinha! A senhora não tem comida em casa? Precisa engordar esse bracinho!" Engoli em seco a vergonha e a humilhação. É isso que esse senhor tinha a dizer para quem tinha acabado de passar no concurso? De todas as coisas que ele poderia falar para a minha mãe, meu exemplo de mulher profissional e perseverante, que me apoiou em meses e anos de estudos, ele escolheu isso? ISSO?
42. Esse foi o pior, mas não foi o único senhor diplomata que comentou como eu estou "magrinha".

43. Um colega me adicionou no Facebook e começou a mandar mensagens do tipo "nossa, assim não aguento", "com essa foto, não me responsabilizo pelos meus atos" etc. Quando o confrontei e pedi que parasse, fez pouco caso do meu pedido. Continuou. Tive de desfazer a amizade. Esses dias ele tentou me adicionar de novo.
44. Eu ainda TS escalada para receber autoridades no aeroporto, escuto: "normalmente enviamos também uma APO ou Achan para cuidar da copa, verificar se há xícaras limpas etc, mas como vai uma diplomata mulher, não precisa".
45. Teve uma ótima! Conferência multilateral. No fim, houve um almoço com a delegação, com representantes de outros Ministérios. A discussão do machismo apareceu e o Chefe da delegação afirmou que não era machista. Um mulher pediu para todos a quem ele havia pedido tarefas como pegar papéis no escaninho e coisas do tipo levantassem a mão. Só mulheres!
46. Para quem estava comentando das of/achans, acrescento as estagiárias: eu, única diplomata mulher, recém chegada, ouvi que "não podia entrevistar e selecionar o/as candidatos/as a estágio porque não saberia avaliar corretamente todos os atributos".
47. E todas, TODAS as vezes que ouvi um "Desculpa" após um colega homem dizer um palavrão na sala em que eu era a única mulher ou um "só não vou dizer o palavrão que estou pensando em respeito à Fulana aqui".
48. E qdo vc escuta que podem, sim, falar palavrão na sua frente, pois você é vista como homem?
49. E quando falam um palavrão perto de você e ficam te olhando com cara de menino que aprontou? O machismo é patético
50. Recém aprovada no concurso, antes mesmo de tomar posse, vou à DP para entregar documentos e aproveito para visitar um amigo que trabalhava no mesmo andar.

Enquanto conversávamos, o chefe dele apareceu e meu amigo nos apresentou. O chefe me olha de cima abaixo e diz: "hummm, carne nova no pedaço." Ugh!

51. Reunião de departamento em que sou a única mulher. Meu chefe me pergunta o ramal de uma divisão qualquer. Eu digo, vou ver na lista (obviamente não tenho a obrigação de saber a lista de cor). Um colega bem mais graduado então dispara: "Você só é bonitinha, mesmo. Nunca sabe nada!". Na frente de todo mundo.
52. Missão eventual com o chefe. Chegamos ao hotel e ele diz: "Olha só que pena, o hotel está cheio, vamos ter de dividir um quarto." Vou em direção à saída, pronta para procurar outro hotel, e ele: "Calma, era só brincadeira." De muito mau gosto!
53. Um Embaixador, com seus 60 e alguns anos, pede que eu digite suas anotações de uma reunião (obviamente ele poderia ter pedido a outros colegas, homens). Ao terminar a tarefa, ele comenta: você digita muito rápido. Já podia ser promovida a PS. E as inúmeras tarefas intelectuais que executei jamais foram motivo de elogio ou reconhecimento.
54. Estava em um elevador, com alguns colegas homens e uma colega diplomata entra. Um deles conversa amenidades com ela. Ela sai do elevador e um outro colega pergunta pra ele quem era ela. Ele responde assim: além de ser uma das mulheres mais bonitas do ministério, ela é casada com o colega X. E sequer falou o nome dela ou a divisão em que ela trabalhava. Fiquei passada.
55. Lendo esses relatos me lembrei de tantas situações que aconteceram comigo que seria difícil listar. desde a época do Rio Branco, quando praticamente todos os dias eu e minhas colegas mulheres ouvíamos de um senhor embaixador comentários como "que bonitinha", "que gracinha". Depois, já na SERE e no exterior, quando algum chefe sempre acha que está te elogiando ao comentar sua roupa, seu sapato, sua "beleza". Quando alguém sugeriu que eu poderia servir o café em uma conferência. Na minha época de solteira, meus chefes sempre se davam o direito de perguntar sobre a minha vida amorosa, enquanto essa "preocupação" nunca existiu, claro, em relação aos

colegas solteiros. Engraçado que por um tempo me culpei, achando que eu é que precisava aprender a me impor. Por isso é bom ler os relatos de outras colegas e saber que o problema é mto mais embaixo.

56. Esses dias, ao recomendar uma amiga diplomata a um embaixador, a primeira pergunta dele foi: "é solteira ou casada?". Alguém consegue imaginar essa sendo a primeira pergunta a respeito de um colega?

57. Relato de assédio e discriminação com base em orientação sexual e identidade de gênero.

58. Já no Irbr, ter de ouvir mentiras grotescas do tipo "ela só foi bem na prova porque levou o professor para jantar".

59. De tudo o que ouvi, posso dar check em: ser tratada como "menina" ou "querida"; ser instruída a sentar fora da mesa de uma reunião que eu tive a iniciativa de convocar da seguinte forma: "as moças sentam nas cadeiras junto à parede" (felizmente a instrução foi retificada pelo meu chefe à época); ser excluída das conversas "de homens"; ter meu braço apertado insistentemente com uma falta de noção completa (hoje entendo que não deveria ter deixado passar); ouvir que meu chefe gosta de mim ou me trata bem porque tenho um caso com ele (isso aconteceu duas vezes). Haveria mais a dizer, mas tenho vergonha de contar.

60. Lembro-me também de um evento em que os TS homens foram designados para serem dipligs e as mulheres para recepcionar as pessoas e apenas dizer "por aqui, por favor", porque, afinal, "faziam melhor figura".

61. Tinha o clássico de designar alunas do Rio Branco como dipligs das ESPOSAS das autoridades.

62. É importante ressaltar que os casos não se restringem a funcionárias do Quadro. Eu mesma já tive que conversar com um colega que, segundo ele, "pressionado pela

possibilidade de promoção", gritava com terceirizadas e dizia que elas queriam acabar com a vida dele ... Duvido que ele teria esse tipo de atitude se fosse com outro homem

63. Meu chefe pediu-me para recepcionar um embaixador estrangeiro e levá-lo à sua sala. O Embaixador não trataria de temas da minha área de atuação e eu tampouco participaria da reunião, que seria acompanhada por um colega homem com a mesma posição que a minha na carreira. Na semana seguinte, aconteceu novamente. No caminho, o diplomata estrangeiro se insinuou e fez gracejos inapropriados. Ao cumprimentar meu chefe, agradeceu a recepção e disse que era muito bom ser recebido por uma diplomata tão bonita. Meu chefe sorriu orgulhoso, e comentou que ele merecia ser muito bem recebido, levando a crer que esse tinha sido exatamente o motivo para me designar a tarefa.

64. Fui cobrada por um chefe por não ter chegado mais cedo para ajudar na organização da festa de natal preparada para os funcionários e suas famílias, dando apoio à chefe da administração do posto. Nenhum dos diplomatas homens lotados no posto recebeu cobrança semelhante.

65. Logo após chegar a um posto, a secretária do Embaixador encaminhou-me convite para participar dos chás mensais das Embaixatrizes e mulheres de diplomatas lotados naquela cidade. Expliquei que não participaria, pois, além de ser diplomata e não mulher de diplomata, os encontros eram realizados em dias úteis e durante o horário de trabalho. Alguns meses depois, a esposa do Embaixador comentou comigo que o próximo chá seria realizado na residência da Embaixada. No dia seguinte, meu chefe me perguntou, em forte tom de cobrança, porque eu não tinha me oferecido, como deveria ter feito, para auxiliar a Embaixatriz na organização do encontro.

66. Já eu fui designada para ir a todos os eventos da Embaixatriz e das mulheres de diplomatas e adidos, mesmo os que ocorriam em horário de expediente, mesmo que eu tivesse muito trabalho a fazer, mesmo que eu estivesse organizando visita de autoridade... Afinal, além de diplomata, sou esposa de diplomata...

67. Na Cúpula XXXXXX, todas as Terceiras Secretárias foram designadas para trabalhar nos hotéis que hospedariam as delegações e nenhuma teria a função de diplomatas de ligação. Na primeira reunião geral de coordenação com a Embaixadora XXXXXX, que chefiava a organização do evento, as TSs deixaram clara a sua inconformidade. A Embaixadora, no mesmo momento, reverteu as funções das que desejavam ser Dipligs. A argumentação dos diplomatas que haviam feito a distribuição inicial era a de que, nos hotéis, as diplomatas mulheres estariam mais protegidas de assédio por parte das delegações estrangeiras. Estamos expostas a assédio em qualquer circunstância. Eu preferi trabalhar em um hotel, e quando informei a uma delegação que estava ali para apoiá-los no que fosse necessário, recebi como resposta um olhar lascivo de um Ministro das Relações Exteriores de um país estrangeiro, que me perguntou se eu estava realmente à disposição dele no hotel para o que bem desejasse.
68. Já deixei de ser convidada para jantar com delegação interministerial de alto nível que participava de evento na cidade do Posto, "porque só havia homens e eu ficaria deslocada".
69. Já fui convidada para almoço oferecido pela Embaixatriz para um grupo seletivo de pessoas, composto por duas esposas de colegas, eu e a minha colega diplomata mulher. E o convite veio na ordem de antiguidade dos maridos.
70. Ouvi dezenas de vezes o Chefe do Posto dizer que o problema do Posto era o excesso de mulheres.
71. Já fui convocada em mais de uma ocasião para fazer a apresentação de eventos culturais, porque faria "melhor figura".
72. Bem, eu tive Embaixador tocando minha perna embaixo da mesa, Presidente (da República!) ligando para minha casa para me convidar para um cineminha no Alvorada, Senador me pedindo para acompanhá-lo em um jantar depois da reunião, só que o jantar era a dois... Ah, sem falar que fui discriminada pela comitiva papal, pois "a presença de uma mulher no avião do Papa constrangeria os cardeais"...

73. Fui recebida em um Posto pelo Embaixador com a seguinte pérola: "queria esclarecer que estou aposentado...". Ante meu olhar de surpresa, retrucou com um olhar tipo "tolinha", já que se referia à sua fama de galanteador, para não dizer outra coisa mais grosseira.
74. Numa discussão com outros dois homens (superiores), tentando explicar o porquê de determinada conta em um papel estar equivocada. Eles praticamente não ouvem o que estou dizendo, interrompendo o tempo todo. Quando eu já estava visivelmente desgastada com a discussão, um colega homem, também TS, já um pouco constrangido com aquilo tudo, interrompe e diz exatamente o que eu estava dizendo desde o início, com as mesmas palavras, dizendo que era aquilo que eu estava dizendo. Na hora, os dois chefes param, viram-se em direção a ele, ouvem, e concordam com ELE. Nem olham na minha cara ao concordar.
75. Fui dispensada de jantar oficial porque nem a Embaixatriz, nem demais cônjuges (mulheres) seriam convidadas.
76. Tive que participar de eventos sociais para cônjuges mulheres.
77. Fui colocada em ordem de precedência após cônjuges dos colegas mais graduados.
78. Ouvei que Administração é tema que mulher desempenha melhor do que os homens, porque elas são melhores donas do lar.
79. Ouvei que colegas homens não conseguem ser promovidos por causa da "quota de mulheres" ou da "quota gay".
80. Ouvei de chefe que a autoridade X é um charme, um docinho, uma teteia.
81. O Chefe do Posto achava realmente normal que o subordinado não respeitasse a Chefe do Setor, porque ele (subordinado) tinha dificuldade de receber instruções de mulher!

O sentimento de impotência beirava ao desespero: esmagada pela idiotice "de cima" e "de baixo"!

82. Em uma discussão sobre vestimenta "apropriada" para trabalho em um happy hour, além de ter que ouvir as asneiras de sempre (mulher de saia curta ou decote no trabalho está provocando, homem não consegue se concentrar), tive que presenciar o colega - em cargo de chefia - tirar a roupa na minha frente e ficar de cueca para questionar meu argumento de que o problema era o homem que encarava e não a mulher.
83. Meu caso envolveu gravidez, tema tabu no MRE. Estava em Posto a ponto de voltar ao Brasil e fui buscar uma divisão onde sempre sonhei trabalhar. Fui aceita pela chefe, hoje Embaixadora, que já conhecia meu trabalho. Ao relatar que estava grávida, ela retirou o convite. relatei o fato à DP, que me recomendou por escrito não buscar nenhuma lotação, devido ao "fato" de estar grávida. Cheguei ao Brasil com 7 meses, com saúde e pronta para o trabalho e fiquei 2 meses em casa, embora não estivesse doente nem tivesse solicitado licença. Depois que meu filho nasceu, busquei a mesma divisão, já "liberada" da gravidez, mas a chefe disse a divisão não era apropriada para quem tem bebê (o que não era verdade, mas como discordar?). Achei o fim da picada ser discriminada por outra mulher.
84. Confesso que fiquei assustada com a quantidade de episódios explícitos e graves relatados aqui. Tinha experimentado práticas mais sutis - menina, querida (que já foram mencionadas) ou comentários do tipo "mulher fala demais", "homem diria em uma frase". Isso de você dizer uma coisa e não ser ouvida. Aí vem um colega homem e diz o mesmo e aí tudo bem. Os comentários de que mulheres só são promovidas por causa das quotas etc...
85. Os relatos são realmente assustadores. Da minha parte, que me lembro de mais explícito, foi na minha primeira semana de estágio, ainda no Rio Branco. Obviamente estava muito feliz e empolgada, até o momento que eu recebo a ligação de um conselheiro dizendo que precisava urgente que eu fosse na divisão x, pois tinha um

tema urgente para discutir. Como eu era a única diplomata naquele momento (era hora do almoço), saí correndo para tratar do assunto. Chegando lá, ele queria me mostrar seus novos livros de arte... pode?

86. Fui vítima também, como todas as outras, das microviolências diárias... tinha um chefe que me usava sempre para fazer piadinhas nas reuniões ("a XXXX não pode aceitar o chá/café/bolo porque está de dieta..."; a XXXXXX é a Rainha da informalidade, e etc"... Isso nunca passou com meus colegas homens (eu era a única mulher do time). Além, de claro, escutar ele se referir às mulheres como "vacas", "loucas", "imbecis" e outros adjetivos carinhosos. Também fui excluída de jantares que tratariam dos meus temas, para não ser a única mulher. Provavelmente fui excluída de outras coisas que não tenho nem ideia.

87. Na minha segunda licença maternidade, um chefe de departamento da área de administração me perguntou quando eu voltaria. Disse que estava ainda em licença. Ele: "nossa, quanto tempo! por isso é que as crianças hoje em dia são meio abobadas".

88. Em reunião de departamento, colegas homens recriminando a extensão da licença maternidade como "absurda", "um horror" e "férias extra para as funcionárias".

89. Meu filho há uma semana internado em hospital, fui à Embaixada ver se havia alguma coisa urgente de trabalho. Fui cumprimentar o chefe e levar um ou dois assuntos que precisavam ser cuidados por alguém na minha ausência. A primeira coisa que ele pergunta: "quando é que você volta?" Nunca perguntou pela saúde do meu filho.

90. Dois colegas graduados, em situação social de trabalho, cumprimentaram-me de modo exagerada e fisicamente efusivo.

91. Meu primeiro assédio foi logo na primeira experiência profissional no Ministério, ainda como estagiária do Rio Branco. Parei numa divisão cujo chefe só falava da minha roupa e dos meus sapatos, de como eu era bonita e atraente, etc. Não importava o que eu fizesse, era sempre elogiada pela aparência. Todas as mulheres diplomatas a que ele

se referia eram sempre alvo de comentários dessa natureza. Fui chamada muitas vezes na sala desse chefe para ouvir "fique aqui sentada. Você me acalma" seguido de confissões sobre como seu casamento ia mal ou de relatos sobre as mulheres com quem ele estava flertando no momento. Certa feita, um colega dele chegou para visitá-lo enquanto eu estava na sala tratando de algum assunto. Retirei-me em seguida e depois que o fulano foi embora, o chefe entrou na sala que eu dividia com um colega homem e dispara "ele gostou de você! Te achou bonita!". Fiquei morta de vergonha e fingi que não ouvi. Ele bateu em retirada, mas insistiu em falar desse fulano por diversas vezes... Nesse período, diante dessa notória situação de assédio, vendo a minha agonia e desespero para sair correndo dali o mais rápido possível, um colega de divisão teve a coragem de me dizer "acho que você devia dar pra ele!", com a maior naturalidade. Depois soube que outra colega - casada com um diplomata - havia passado pela mesma situação um semestre antes e que havia saído daquela divisão o mais rápido que conseguiu. O fato de ser novata no Ministério e de não haver mecanismo formal de denúncia ou apoio me intimidou e eu não relatei o que se passava às chefias. Apenas articulei para sair dali o mais rápido que pude e, para isso, contei com a ajuda de uma colega que estava no Departamento, que, sabendo da situação, me avisou que ia surgir vaga em outra divisão. Contei também com o apoio do companheiro de estágio, que queria sair, tinha precedência para escolher, mas me deu a vez porque percebeu que minha situação era horrível.

92. Ouvi de um colega e superior meu a seguinte frase: as mulheres não deveriam trabalhar. Se elas estivessem em casa, cuidando dos filhos, o mundo estaria melhor, teríamos menos problemas com drogas e violência". Certamente não é confortável - pra dizer o mínimo - trabalhar com alguém que pensa (e diz) que você não devia estar ali, e que os problemas do mundo decorrem da vontade / necessidade / direito / liberdade de as mulheres trabalharem.

93. Ouvi de superiores hierárquicos comentários inapropriados sobre meu corpo

94. Vou despachar um telegrama sobre direitos LGBT. O colega em questão, abertamente homofóbico, se opõe ao texto, mas tem que engolir. Depois que saí da sala e outro

colega, (homem) entrou e soltou: "É por isso que não gosto de trabalhar com mulher, mulher pra mim é só pra f..." O mesmo sujeito, em um dia que estava nervosinho, soltou "Hoje tô nervoso, é bom a fulana (também colega, esposa dele) não dormir de calça jeans"

95. Durante uma aula no IRBr resolvo fazer uma intervenção sobre o tema em debate. Ao final da aula, o professor me interpela para dizer o seguinte: "Ótima observação. Como é que uma mulher bonita pode ser também inteligente?". No dia, só agradei, não sabia o que falar, até porque o professor era um Embaixador. Eu, que tinha acabado de entrar na carreira, tive medo de responder a um Embaixador. Já tive que escutar também: "Isso está muito bem feito, nem parece que foi feito por uma mulher".
96. Várias vezes já assumi temas que não são meus, trabalhei além do horário, lidei com urgências, tudo porque um colega não faz seu trabalho. Perto da promoção, vejo a chefia fazendo campanha para a promoção dele e em nenhum momento ponderando suas características negativas. E vários colegas, mulheres e homens competentes, são preteridos pelas chefias, porque o que está sendo levado em conta é a popularidade do fulano de tal.
97. Estagiária no Ministério, ia com o meu chefe, Embaixador do quadro especial, para o aeroporto buscar uma certa autoridade. Estávamos no banco de trás do carro e, num momento em que eu estava distraída, ele colocou a mão dele sobre a minha, e deixou. Fiquei paralisada, sem entender o que ele estava querendo dizer com aquilo. Só depois de um tempo tive coragem de tirar a minha mão. Depois que isso aconteceu, eu tinha medo de ficar a sós com ele, porque não sabia o que poderia tentar fazer comigo.
98. Durante o IRBR, foi elaborada e circulada pelas salas e corredores da instituição uma carta digitada que comentava a minha vida amorosa e sexual privada, que continha expressões de assédio sexual, agressões de cunho misógino e palavras de baixo calão. O signatário da carta se definiu como "O Diplomata do Mal". A carta causou revolta em mim e em meus amigos, mas também risos e piadas de colegas, além do profundo constrangimento e falta de direcionamento institucional sobre o que fazer diante de

algo tão grave sem que a consequência fosse me submeter a maior exposição e acabar ficando marcada pelo episódio por toda minha carreira.

99. Uma vez, fui despachar, no dia seguinte a um evento, e meu chefe virou pra mim e disse: você ontem estava muito gostosa...

100. Ser apresentada - como "colega" - a embaixador mais velho por meu então chefe e o embaixador nem olhar na minha cara e falar: ô querida, me vê um cafezinho por favor? Até o meu chefe, que também tinha seus momentos machistas, ficou constrangido.

101. Recém-chegada ao meu primeiro Posto, ouvir de ofchan que ele não iria fazer o que eu estava pedindo porque eu não sabia como eram feitas as coisas no Itamaraty e que se eu precisasse ele iria me ensinar.

102. Sendo desk de pasta relativa a contribuições financeiras para determinado organismo internacional, ver meu chefe pedir a colega homem, após eu ter apresentado certos cálculos e as disposições normativas que os embasavam, para que "conferisse as contas".

103. Ouvi de um embaixador que “apesar de gostar muito do meu trabalho e de eu ser eficiente, não iria votar em mim para o quadro de acesso pelo meu envolvimento em questões de gênero”. A Lei do Serviço Exterior (11.440 de 2006) estabelece que a promoção do diplomata será feita por, além do cumprimento das exigências de tempo de serviço e conclusão de cursos, mérito (Art. 51, I) mediante avaliação de desempenho (Art. 9). É por essas e outras que defendo avaliação de desempenho e critérios objetivos de promoção. Não tenho medo do julgamento objetivo e profissional. Sei da minha capacidade. Tenho medo do julgamento dos corredores do Itamaraty que já atrasaram a carreira de centenas de mulheres.

104. Na Embaixada X, sofri assédio sexual por parte de um Adido. Denunciei o caso ao Ministro-Conselheiro, evidentemente esperando que alguma atitude fosse

tomada. Ele me disse "vou conversar com Fulano de Tal, que é meu amigo, e pedir que ele não faça isso de novo." A próxima coisa que acontece é o Fulano de Tal bater na porta da minha sala, após a tal conversa. Tinha começado a trancar a minha porta com medo e me recusei a abrir. Nada mais foi feito. Duvido que o Embaixador, que admiro muito, tenha sido informado, mas, depois da reação do Ministro, fiquei sem chão. Difícil trabalhar neste ambiente.

105. Colegas conversando sobre o Ministério. Tento dar minha opinião. Meu chefe educadamente tenta me escutar. Outro colega não me deixa terminar uma frase sem interromper. Sou obrigada a dizer algo na linha do: por favor, me trate como se eu fosse um homem e pare de me interromper o tempo todo. Consegui finalmente dar a minha opinião, que foi bem recebida. Não devia ser uma luta cada vez que queremos abrir a boca.

106. Em viagem para divulgar o Concurso do IRBr, estamos eu e um colega mais moderno com uma entrevista marcada na televisão local. Da última vez que ligo para acertar os últimos detalhes, a mulher do outro lado da linha finalmente entende que são dois diplomatas, e não um diplomata homem e a sua assistente (eu!). Ela diz que só há espaço para um e que eles preferem o outro. Comento com o coleguinha, que lamenta superficialmente e diz algo como, então vou eu. Precisamos que nossos colegas, ao presenciarem esse tipo de situação, tenham uma postura colaborativa, ao invés de uma atitude de "não tenho nada a ver com isso".

107. Uma dica para os colegas: é bem evidente quando vocês conversam com a gente olhando para o nosso peito. Não, não dá para disfarçar. Sim, é ridículo. E aquela pastinha que de repente começou a ser um obstáculo para a sua observação nada sutil foi proposital. Vários colegas são capazes de falar conosco olhando nos olhos, não é um exercício ridículo. A prática leva à perfeição.

108. Meu relato segue um pouco embaçado pela memória. Alguns episódios foram tão recorrentes que parecem ter entrado numa caixinha do cérebro destinada a fatos de que não vale a pena recordar. Mas lá vai...

Era recém-ingressa na carreira, ainda no IRBR, quando comecei a estagiar na SERE. Pelo sistema da época, deveríamos mudar de área a cada semestre. Cheguei no primeiro setor uns dois meses antes do novo chefe. Ao mencionar o nome dele a diplomatas mais antigas, elas se entreolharam e riram. Imitaram o jeito dele de tratar as mulheres e concluíram que eu iria "adorá-lo". Na hora, não percebi toda a extensão da ironia.

E ele chegou. Já na primeira semana de trabalho, me perguntou – do nada – se eu era casada e por que não usava aliança. Passados alguns dias, o assédio se tornou rotina, com elogios repetidos e insistentes, e alguns toques em situações que, de início, me pareciam acidentais. Qualquer bobagem era motivo para me reter em sua sala. Ele passou a me deixar por último nos despachos, e saía quase sempre no mesmo horário que eu, para ter a desculpa de me acompanhar até o estacionamento. Se eu não ia de carro, queria me dar carona – oferta que recusava, com repetidas negativas. Ele descobriu que frequentávamos a mesma academia e passou a ir nos mesmos horários que eu. Às vezes, ficava na entrada, à espreita. Um dia, reclamou que foi lá só para me ver, e que eu não apareci. Ah, e ele era casado. A mulher estaria ausente e ele se lamentava, todo dia, do quanto se sentia solitário. “Pobrecito”... Para ser sincera, não me lembro exatamente o que respondia nessas ocasiões. Sei que tentava cortar, falar de trabalho, e que cada vez tentava ser mais clara ao demonstrar que aquilo não me agradava. De início, eu dosava o "fora" com cautela. Desde a faculdade, e nos anos de carreira antes da diplomacia, sempre trabalhei em ambientes muito machistas. Procedia assim, com "chegas-pra-lá" temperados com ironia, para driblar o assédio de chefes e colegas (elogios à aparência, olhares e comentários inconvenientes, mãos nos ombros, toques bobos). Tinha já longa experiência nisso e, para ser franca, achava que tirava de letra, sem maiores dramas. É triste dizer que estava acostumada. Cresci ouvindo gracinhas, me esquivando de assédios, a ponto de aquilo não me causar mais nenhum estranhamento. Era normal... Mas a minha técnica de escape não funcionou bem com esse novo assediador. Dizer para ele deixar de ser "Tio Sukita", por exemplo, não surtiu qualquer efeito. Nem mesmo cortadas mais sérias e diretas deram resultado. Era bobalhão, idiota demais, para se mancar. Mas sempre educado demais, e correto com todos, para que eu me permitisse ser grosseira sem culpa.

Pensava que ele poderia ter se apaixonado e isso me dava pena, me immobilizava. Eu simplesmente não conseguia lidar com aquela situação.

Meus colegas de trabalho eram todos homens. O mais antigo parecia não perceber nada do que ocorria ali. Os outros sabiam bem, mas apenas um deles tocou diretamente no assunto, já na semana de rotação do estágio, e me aconselhou a fugir dali. Os demais estavam mesmo preocupados em despachar seus temas na minha frente para ir embora logo, pois sabiam que o chefe me segurava até tarde em sua sala.

Escrevendo esse relato, fico até com raiva de mim, do quanto suportei na época. Fico imaginando se não dava os sinais errados (a famosa responsabilização da vítima), por que não conseguia ser mais clara e enfática. E fico também chocada com a falta de solidariedade de nossos colegas, homens e mulheres, diante de uma situação dessas. Eu estava num ambiente ainda muito novo e estranho. Conhecia pouca gente. À minha volta e acima eram todos homens. Não havia um canal acessível de interlocução. E eu só ficaria naquele setor mais um par de meses... Então, como, de cara, me fazer conhecida em todo o Ministério por uma denúncia de assédio sexual? Uma acusação contra um diplomata sênior dedicado ao trabalho e sempre gentil com todos? Alguma dúvida sobre quem carregaria a mácula desse episódio?

Por isso, apesar da insistência do meu marido de que o denunciasse, me limitei a alertar as mulheres da minha Turma para fugir daquele setor. No ano seguinte, uma outra diplomata foi trabalhar com ele e, por coincidência, pude ajudá-la a ser transferida. Soube depois que uma funcionária de outro Ministério também era assediada nas viagens em missão. Nenhuma teve coragem de denunciar. Agora, dizem que ele estaria "mais comportado", com a esposa ao seu lado. Talvez também se comportasse melhor, desde sempre, se o Ministério coibisse, em vez de simplesmente negar, a existência do assédio – moral e sexual – entre os arcos do Palácio.

Na época, sua figura patética me embrulhava o estômago. Sentia um misto de repulsa e pena. E o pior é que, no fundo, tudo aquilo me parecia normal...

Hoje, passados alguns anos, o que sinto mesmo é vergonha da minha condescendência – e só. De todos os males, não foi o assédio – mais um entre tantos – que me fez mal, mas a minha covardia e incapacidade de responder à altura. Se fosse hoje, talvez conseguisse agir diferente. Mas é sempre mais fácil avaliar a situação de fora ou à distância, como faço agora.

No mais, penso especialmente nas funcionárias de carreira administrativa, achans e ofchans, nas contratadas locais e universitárias estagiárias. Em posições mais vulneráveis que as das diplomatas, elas devem sofrer muito mais com situações onde o assédio é uma expressão covarde de poder.

Bom, vivi e presenciei outros episódios de machismo e assédio, mas que se confundem em natureza com os que já estão relatados no grupo do facebook. Deles o que mais me impressiona é a naturalização das ocorrências. Parece tudo muito normal. Tristemente normal.